

Lendo Jorge de Sena leitor de Fernando Pessoa

Jorge Fazenda Lourenço*

Palavras-chave

Recepção, Fernando Pessoa, Jorge de Sena, literatura portuguesa

Resumo

O objectivo deste estudo é apresentar os principais aspectos da recepção de Fernando Pessoa pelo poeta e crítico Jorge de Sena, também editor de dois livros de Pessoa, no contexto da literatura portuguesa de 1940 a 1960.

Keywords

Reception, Fernando Pessoa, Jorge de Sena, Portuguese literature

Abstract

The aim of this study is to present the main aspects of the reception of Fernando Pessoa's work by the poet and critic Jorge de Sena (who was also the editor of two books by Pessoa), within the context of Portuguese literature from the 1940s to the 1960s.

* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura.

Gosto muito daquelas palavras de Almada Negreiros sobre a admiração, ou melhor, acerca do gesto de admirar, escritas, em 1944, no prefácio a *Um Homem de Barbas*, de Manuel de Lima. Palavras necessárias, que logo me vieram à lembrança, quando comecei a pensar no que dizer, em resposta a uma solicitação amiga, acerca dos escritos de Jorge de Sena sobre Fernando Pessoa, dois poetas que admiro por igual, embora de maneiras diferentes, tendo-me ocupado muito mais do primeiro que do segundo, de quem editei apenas uma antologia poética (Pessoa, 1985) e pouco mais.

1.

Estes apontamentos não devem ser lidos como sínteses, ainda que breves, dos textos de Jorge de Sena reunidos em *Fernando Pessoa & C.^a Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)*, mas apenas como uma selecção das minhas anotações e sublinhados, com algumas notas à margem, uma vez que não abrangem sequer a totalidade deles. Por outro lado, estes apontamentos procuram uma articulação de percursos e de momentos de leitura, e daí algumas repetições de ideias e sobreposições de tempos e espaços. Ficam de fora considerações acerca dos textos de música e de poesia com que Jorge de Sena entrou em diálogo com Fernando Pessoa: um *lied* sobre o poema “Pobre velha música”, de 1938-39, cuja pauta é reproduzida em *Fernando Pessoa & C.^a Heterónima*, uma “Ode a Ricardo Reis”, de 8-4-1942 (revista em 1947), e um “Poema Apócrifo de Alberto Caeiro”, de 17-7-1942 (ver *40 Anos de Servidão*).

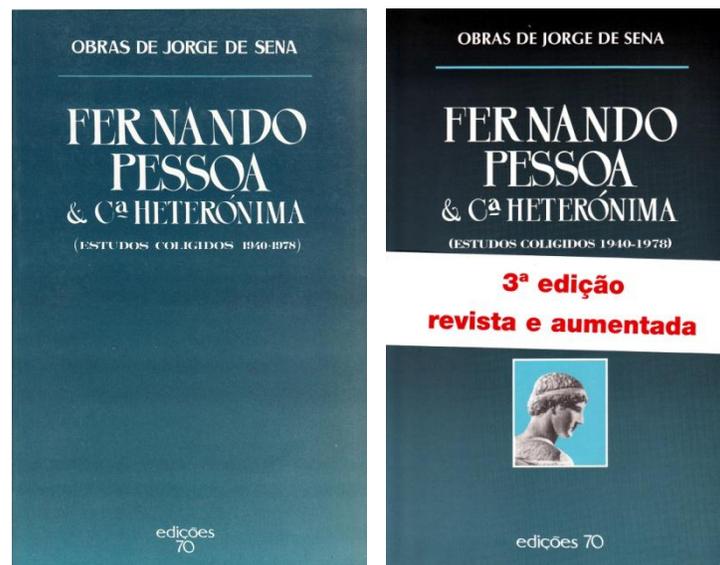


Fig. 1. Fernando Pessoa & C.^a Heterónima

2.

“Poucas pessoas terão como Jorge de Sena contribuído tanto, por tão longo tempo e desde tão cedo, para o entendimento e divulgação de Fernando Pessoa – os escritos estão aí e as datas deles para o provarem” (in Sena, 2000: 12), lembra Mécia de Sena, ao fechar a sua introdução a *Fernando Pessoa & C.^a Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)*, obra póstuma, publicada em 1982 e por si organizada.¹

Muitas vezes, os “especialistas” tomam este 1982 como o ano da chegada de Jorge de Sena aos estudos pessoanos, quando essa colectânea apresenta apenas um texto inédito, num total de vinte (ou vinte e três, na 3.^a edição, aumentada, de 2000). Antes dela, os textos pessoanos de Jorge de Sena estavam distribuídos por jornais (portugueses e brasileiros) e revistas (a começar pelo último número da *Presença*), ou por actas de colóquios, por outros volumes da sua obra, como *Da Poesia Portuguesa* (1959) e “*O Poeta é um Fingidor*” (1961), ou da obra de Fernando Pessoa por si editada: *Páginas de Doutrina Estética* (1946) e *Poemas Ingleses publicados por Fernando Pessoa* (1974).² A estes textos há que juntar outros de diversa ordem, desde o excerto do prefácio à primeira edição de *Poesia-I* (1961) sobre a poética do testemunho, a artigos e ensaios sobre o modernismo, passando por cartas, verbetes de dicionários e enciclopédias, etc.

Jorge de Sena (1919-1978) ocupa um lugar especial na história da recepção da obra de Fernando Pessoa (1888-1935), não só pela precocidade da sua intervenção (tem apenas 20 anos, e isto nos nossos sombrios anos 40, quando é publicada, na *Presença*, uma carta sua sobre o poema “Apostilha”), mas, sobretudo, pelo conhecimento que mostra ter da poesia (e, com efeito, Jorge de Sena escreve – e, por certo, lê – intensamente desde 1936) e da obra até então publicada por Fernando Pessoa (a obra poética, em português, com excepção da *Mensagem*, só começa a ser reunida em livro em 1942), ou seja, pela atenção que presta aos textos, num tempo em que o que parecia interessar, sobretudo, a crítica era o “caso” (psicológico, para uns; social, para outros) do poeta dos heterónimos. É nesse sentido, de uma nova aproximação crítica à obra de Pessoa, que a carta (dirigida a Adolfo Casais Monteiro) é também uma promessa: “Essas ideias e mais com outras

¹ Numa das suas notas bibliográficas, Mécia de Sena refere que estamos perante uma “obra que lhe não foi dado organizar” (in Sena, 2000: 410) e para a qual, diz na “Breve nota explicativa (da 1.^a edição)”, o seguinte: “Não deixou o Autor qualquer indicação de ordem de publicação” (in Sena, 2000: 11).

² O volume 11 das Obras Completas de Fernando Pessoa (colecção “Poesia” das Edições Ática) tem como título de capa *Poemas Ingleses* de Fernando Pessoa, mas a referência bibliográfica correcta, conforme com a folha de rosto, é *Poemas Ingleses publicados por Fernando Pessoa: Antinous, Inscriptions, Epithalamium, 35 Sonnets e Dispersos*, edição bilingue, com prefácio, traduções, variantes e notas de Jorge de Sena, e traduções também de Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal. O prefácio é, na realidade, um ensaio introdutório de 75 páginas: “O heterónimo Fernando Pessoa e os poemas ingleses que publicou”.

que eu sei que tenho, mas que ainda não conheço, fazem parte duma qualquer coisa que um dia eu talvez escreva a propósito de F. Pessoa” (Sena, 2000: 16).

É muito significativo que Jorge de Sena seja um dos primeiros editores (no sentido anglo-saxónico, está claro), a par de Adolfo Casais Monteiro, Luís de Montalvor e João Gaspar Simões, Joel Serrão e Álvaro Ribeiro, da obra de Fernando Pessoa, logo em 1946, na primeira vaga de publicação das suas obras completas, iniciada em 1942,³ que tenha persistido na edição dos *Poemas Ingleses* (com antecipações parciais em 1953, 1954, 1958 e 1966),⁴ e que tenha procurado, até ao limite, levar a cabo a edição do *Livro do Desassossego*, para a qual deixou uma vasta introdução.

A fortuna, com os seus acasos e as suas coincidências, parece ter jogado um papel interessante na relação entre Jorge de Sena e Fernando Pessoa. É aparente o quiasmo que marca as suas vidas: Jorge nasce no mês em que morre Fernando, e Sena morre (como Camões) no mês em que nasce Pessoa. Jorge de Sena publica o primeiro livro de poemas, em 1942, no mesmo ano em que começa a ser editada a obra poética (completa) de Fernando Pessoa. Embora o fundamental da poesia deste já não estivesse inédita, o facto é que se cria, com a primeira edição da sua poesia em livro (com a excepção da *Mensagem* e dos *English Poems*), um efeito de co-existência entre Pessoa e os poetas estreados em livro nos anos 40 que lhes atribui uma paradoxal contemporaneidade.

Mas os acasos não passam disso mesmo, se não for a obra (de ambos) o que nos interessa, de facto, ler. É certo que Jorge de Sena procurou valorizar este acaso, como quando, por exemplo, diz:

[...] não posso deixar de interpretar como significativa a escolha [para dizer “algumas palavras sobre os do *Orpheu*” no descerramento do quadro de Almada Negreiros sobre Fernando Pessoa no restaurante Irmãos Unidos, em 1954]: e, se não direi, porque seria ridiculamente exagerado, que ela legitima o pouco que acerca deles tenho escrito, permito-me, porém, dizer que representa o reconhecimento de uma identidade de vistas que apenas o tempo e as circunstâncias separam.

(Sena, 2000: 81)

A publicação, em 1944, de uma “Carta a Fernando Pessoa”, reduplicando um gesto semelhante de Carlos Queiroz (1936) – refiro-me ao simbolismo do gesto

³ Precedida, ainda em 1942, por uma antologia, em 2 vols., organizada por Adolfo Casais Monteiro, *Poesia* (2.ª ed., 1945, 1 vol.).

⁴ Respectivamente: três dos 35 *Sonnets*, *O Comércio do Porto*, 11 de Agosto de 1953; *Alguns dos “35 Sonetos” de Fernando Pessoa*, traduções de Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena acompanhadas do texto original inglês (São Paulo: Clube de Poesia, 1954), com um prefácio de Adolfo Casais Monteiro; *Inscriptions*, de Fernando Pessoa”, apresentação e tradução de Jorge de Sena, *O Comércio do Porto*, 9 de Setembro de 1958; e “21 dos 35 *Sonnets* de Fernando Pessoa”, traduções de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e José Blanc de Portugal, *Alfa* (Marília, São Paulo), n.º 10, Setembro de 1966, pp. 7-24, com uma apresentação de Jorge de Sena (ver Sena, 2000: 399-402).

e não ao conteúdo das epístolas –, revela esta vontade de inscrição da sua obra no processo do modernismo português, que justamente a publicação das obras de Pessoa (1942-46), mas também as reedições de Mário de Sá-Carneiro e, antes, a publicação de *Nome de Guerra* (1938) de José de Almada Negreiros e da sua revista *Sudoeste*, bem como a crítica literária de alguns “presencistas”, haviam mantido em aberto.

Esta ideia de um modernismo inacabado surgira já na correspondência de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa – “O ORFEU *não acabou*. De qualquer maneira, em qualquer ‘tempo’ há-de continuar” (Sá-Carneiro, 1979: II, 88-89; carta de 25 de Setembro de 1915)⁵ – e é reavivada por Pessoa, em 1935, nas páginas da *Sudoeste*, no texto “Nós os de *Orpheu*” – “*Orpheu* acabou. *Orpheu* continua” – e, em 1965, por Almada Negreiros, em *Orpheu 1915-1965*, um livro-harmónio (ou, mais prosaicamente, um desdobrável), publicado pela Ática no cinquentenário da revista-movimento.

De sublinhar que aquela “carta ao poeta” de 1944, considerada por Jorge de Sena como o “núcleo inicial do que ainda digo” (Sena, 2000: 350, n. 2), acontece no tempo em que começa a trabalhar na edição das *Páginas de Doutrina Estética*, que são, nunca é de mais lembrá-lo, a primeira reunião de textos críticos e ensaísticos de Pessoa. A narrativa do conhecimento insciente de Fernando Pessoa por Jorge de Sena só será enunciada em 1960, num texto comemorativo, justamente intitulado “Vinte e cinco anos de Fernando Pessoa”. Este texto, escrito para a comemoração dos 25 anos da morte de Fernando António Nogueira Pessoa, começa por ser, num primeiro longo parágrafo, a celebração desse (des)encontro (ver Sena, 2000: 129-130). Com o seu carácter de anamnese, essa reminiscência, narrativamente recuperada, só tem significação literária se integrada naquele gesto de inscrição na tradição modernista, iniciada com “os do *Orpheu*”, mas que fora descontinuada. Daí que Jorge de Sena, numa carta a Vergílio Ferreira de 16 de Julho de 1961, se congratule com o reconhecimento, feito pelo seu correspondente, de que “lutara por um progresso expressivo para além do Pessoa”, acrescentando que, “com efeito, o Régio e o Torga eram, a muitos títulos, ante-Pessoa, como aliás, curiosamente, com excepção do Casais, toda a *presença*” (Sena et al., 1987: 50).⁶ E num texto já de 1977 refere o seguinte: “A minha geração literária desejava muitíssimo, e apesar de toda a nossa dívida à *presença* e à aclamação, feita pelos presencistas, da gente do *Orpheu*, saltar por sobre a *presença*, para renovar um

⁵ Este passo desta carta e um outro de uma carta, também para Fernando Pessoa, de 2 de Outubro de 1915 – “O Orfeu é propriedade espiritual tanto minha como sua” (Sá-Carneiro, 1979, 2: 97) –, são significativamente destacados por Jorge de Sena na sua recensão às *Cartas a Fernando Pessoa*, de Mário de Sá-Carneiro (ver Sena, 2000: 126).

⁶ A ideia, tantas vezes afirmada por Jorge de Sena, de que os poetas da *Presença* (com excepção, para ele, de Adolfo Casais Monteiro) eram anteriores a Fernando Pessoa tem o seu paralelo no conhecido ensaio de Eduardo Lourenço, “*Presença* ou a contra-revolução do modernismo”, *O Comércio do Porto*, 14 de Junho e 26 de Julho de 1960 (com cortes da censura nas referências a Adolfo Casais Monteiro).

contacto directo com essa tradição, e começar de novo, em termos contemporâneos nossos, o movimento modernista” (Sena, 2000: 353-354).

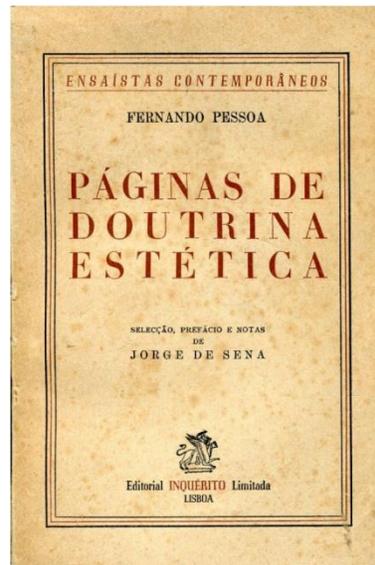


Fig. 2. Páginas de Doutrina Estética

3.

Talvez seja útil, servindo apenas os propósitos de exposição destes apontamentos, dividir a produção crítica de Jorge de Sena sobre Fernando Pessoa em quatro períodos distintos, por razões literárias e biográficas, ainda que esses períodos estejam ligados entre si: um primeiro que termina com a edição, em 1946, das *Páginas de Doutrina Estética*; um segundo, em 1959, com a comunicação ao colóquio da Bahia, “‘O poeta é um fingidor’ (Nietzsche, Pessoa e outras coisas mais)”; um terceiro que culmina com a edição dos *Poemas Ingleses*, em 1974, e o seu extenso prefácio “O heterónimo Fernando Pessoa e os *Poemas Ingleses* que publicou”; e um derradeiro que inclui as suas duas últimas intervenções públicas, em 1977 e 1978, em dois colóquios pessoanos.

O primeiro período inclui duas cartas de 1940 à revista *Presença* sobre o poema “Apostilha”, a “Carta a Fernando Pessoa”, de 1944, as *Páginas de Doutrina Estética*, organizadas entre 1944 e 1946, com o respectivo prefácio e notas, e ainda a conferência, proferida em 12 de Dezembro de 1946, “Fernando Pessoa, indisciplinador de almas (uma introdução à sua obra em prosa)”, a qual, como o subtítulo indica, funcionava como apresentação pública das *Páginas*, volume que, impresso em 27 de Dezembro de 1946, só aparece nas livrarias no início de 1947.

As *Páginas de Doutrina Estética* vinham “revelar o grande crítico e sobretudo ensaísta” (Sena, 2000: 139) que Fernando Pessoa era, e também as suas faculdades de *public intellectual*. Ou, como diz na conferência de apresentação desta obra, “um dos maiores mestres de liberdade e de tolerância que jamais houve” (Sena, 2000:

70). Com esta colectânea, diz Jorge de Sena, “apenas se procurou servir, por divulgação e aproximação de textos, a desconhecida ou incompreendida grandeza de quem, até hoje, apenas era considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa” (Sena, 2000: 57). O livro recolhe diversas cartas sobre a formação poética e cultural de Pessoa, incluindo a “Carta sobre a génese dos heterónimos”, apontamentos sobre estética e artigos de crítica literária, como “Para a memória de António Nobre” e, diríamos hoje, de crítica cultural (ou de *critical theory*), como “Aviso por causa da moral”, “O provincianismo português” e “O caso mental português”.

Jorge de Sena caracteriza o ensaísmo de Fernando Pessoa como “expressão típica de alguém que, em termos algo post-simbolistas, não distinguiu entre estética, ética e política” (Sena, 2000: 55). Este é “um dos sintomas do valor de Pessoa [...]: nele, estética, ética e política não são separáveis, isto é, nem são meramente teorizáveis ou isentas de acção prática, nem grosseiramente partidarizáveis ou isentas de liberdade dessa mesma acção” (Sena, 2000: 25). Outro dos aspectos para que Sena chama a atenção é para o carácter irónico, subtil e paradoxal, dos seus textos: “Há em Pessoa uma latente ironia, bastantes vezes não muito latente... que permite erros de interpretação e de avaliação. Desejava ele, por certo, a salutar descida ao subconsciente nacional da maior parte dos seus escritos. Daí duas ironias secundárias: uma, enformando o próprio estilo; outra, desvalorizando o resultado” (Sena, 2000: 26). Por sua vez, esta característica estaria relacionada, na obra poética ou ensaística, com “o culto do paradoxo verbal e intelectual que Oscar Wilde e seus pares lhe ensinaram a cultivar como método de investigação poética [...]” (Sena, 2000: 79).

A criação dos heterónimos é o tema central destes textos de 1940-46, num tempo em que a crítica, por influência ainda da “estética presencista”, se ocupa em dilucidar o “caso” Fernando Pessoa, através de categorias como a “sinceridade” ou “insinceridade” da sua obra e o carácter de “mistificação” do fingimento (poético) e da heteronímia, em termos psicológicos e morais. Numa das notas aos textos incluídos nas *Páginas de Doutrina Estética*, Jorge de Sena tem o cuidado de chamar a atenção para a diferença entre “sinceridade metafísica” e “sinceridade ética, irmã dos bons costumes” (Sena, 2000: 50 e 67). O tema será *ainda* objecto de uma pergunta de Luciana Stegagno Picchio, em 1977, num questionário elaborado pela renomada professora e investigadora para a revista *Quaderni portoghesi* (ver Sena, 2000: 340). Quanto à questão da “mistificação”, que nunca será totalmente resolvida por Jorge de Sena (ver p. ex. Sena, 2000: 153), por razões que têm que ver com o escorregadio psicologismo que o termo aduz, e, por outra parte, creio, com a sua concepção da poesia como um testemunho de linguagem, há um nítido esforço para lhe dar um novo enquadramento. Assim, em 1944, a “Carta a Fernando Pessoa” afirma, taxativamente, “V. não foi um mistificador, nem foi contraditório. Foi complexo [...]” (Sena, 2000: 19), e em 1946, no texto da conferência “Fernando

Pessoa, indisciplinador de almas” (esta expressão é do próprio Pessoa, em carta a Côrtes-Rodrigues), admite-se que “a *mistificação* surge como método seguro do conhecimento” (Sena, 2000: 69), no “sentido do oculto”, e daí o lema “Fingir é conhecer-se”, tal como, num texto de 1953, atrás citado, “o culto do paradoxo verbal e intelectual” é entendido “como método de investigação poética” (Sena, 2000: 79). A questão da heteronímia volta a ser discutida, e reenquadrada, a partir de 1959, no âmbito da longa tradição da *mimesis* e de diferentes formas de fingimento poético, em “‘O poeta é um fingidor’ (Nietzsche, Pessoa e outras coisas mais)”. A reacção de Vergílio Ferreira a este ensaio, em carta de 28 de Julho de 1961, e ao modo como nele é tratada a questão, é muito interessante: “À hermenêutica da célebre ‘Autopsicografia’ V. agrega agora (suponho que só agora) uma vasta problemática em que entra Nietzsche e o esoterismo e Baudelaire e os heterónimos, etc. Naturalmente assim a visão alarga-se e o ‘fingir’ entra como um aspecto apenas. Mas o ‘fingir’ pode ler-se circunscritamente, como V. já tem feito e faz ainda agora na pág. 90” (Sena et al., 1987: 52-53).

Os comentários de Jorge de Sena tentam, progressivamente, dar uma inflexão crítica a estas questões, deslocando-as do plano do psicologismo literário para o plano estético da modernidade literária e filosófica. Sinal desse trabalho em processo, são as primeiras referências, em 1946, a Nietzsche ou Kierkegaard (ambos filósofos e poetas), ao mito da androginia e da “divina criança” (na carta de 1944), e a integração da criação pessoana no contexto do post-simbolismo e do esoterismo, constitutivo das tradições romântica e simbolista (ver Sena, 2000: 65). E as referências ao post-simbolismo (mais tarde entendido, por Jorge de Sena, como, precisamente, uma das correntes do modernismo) e a representantes seus como Antonio Machado, Stefan George, Rainer Maria Rilke ou William Butler Yeats, mas também a Walt Whitman, permitem dar a ler os heterónimos como um aprofundamento da criação de *personae* ou “máscaras”, ou seja, de uma dramatização do género lírico ou de criação de uma “impersonalidade” (termo de época) poética que lhe é anterior ou contemporânea. Por sua vez, a criação dos heterónimos é ligada à tendência para “aprofundar a análise do espírito [...] pela *ironia*” (Sena, 2000: 68; *italico do autor*).

A grande afirmação crítica de Jorge de Sena, que marca o seu entendimento da criação heteronímica pessoana, é enunciada logo em 1944, na “Carta a Fernando Pessoa”: “Os seus heterónimos (e V. quando escreveu em seu próprio nome, não foi menos heterónimo do que qualquer deles) [...]” (Sena, 2000: 20). Esta observação parte de uma leitura atenta da “Carta sobre a génese dos heterónimos” (carta a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de Janeiro de 1935), incluindo os aspectos relativos à pragmática linguística desse e de outros textos. A formulação feita, em 1944, num parêntesis, será constantemente retomada, de um modo claro: “Um dos mais característicos pontos desta carta [‘sobre a génese dos heterónimos’] é o facto de Fernando Pessoa falar das obras ‘do Fernando Pessoa’, como se de outro

heterónimo se tratasse...” (Sena, 2000: 48); “ele próprio de si fala, qual de outro heterónimo se tratasse (o F. Pessoa para aqui, o F. Pessoa para ali...)” (Sena, 2000: 60); “a obra dita ortónima não é, de certo modo, menos heteronímica que a dos heterónimos propriamente ditos” (Sena, 2000: 217, nota); “Lado a lado com os heterónimos, o Pessoa ele-mesmo não é menos heterónimo do que eles” (Sena, 2000: 270); “ele se refere à sua obra ‘ortónima’ como se de um outro ‘heterónimo’ se tratasse, e falando de si mesmo como de outrem” (Sena, 2000: 372-373). A penúltima afirmação é feita num ensaio intitulado, precisamente, “O heterónimo Fernando Pessoa e os *Poemas Ingleses* que publicou” (Sena, 2000: 263). Expressões como “heteronímia ortónima” (Sena, 2000: 186) ou “*heteronímia total*” (Sena, 2000: 183; itálico do autor) procuram sintetizar esta ideia. Ideia que tem como par conceptual, ainda em 1944, a de que “toda a sua tendência para a ‘despersonalização’, para a criação de poetas e escritores ‘heterónimos’ e não pseudónimos, significa uma desesperada defesa contra o vácuo que V. sentia em si próprio e à sua volta” (Sena, 2000: 19). O termo “vácuo”, um tanto impressionista, será mais tarde reconceptualizado, sendo substituído, no discurso crítico de Sena sobre Pessoa, pelos conceitos de “não-eu” e de “não-ser”. A ideia terá a sua cristalização emblemática no título do último texto importante do poeta-testemunha sobre o poeta-fingidor: “Fernando Pessoa: o homem que nunca foi”, de 1977.

Outro ponto fundamental da visão crítica de Jorge de Sena sobre a obra de Fernando Pessoa tem a ver com a valorização que ele faz, e de um modo muitíssimo assertivo, da importância do ocultismo, do esoterismo, quer para “o heterónimo Fernando Pessoa”, quer para a compreensão do jogo inter-activo que está na base da criação heteronímica. Em 1963, o esoterismo será mesmo considerado como o “‘núcleo central’ da sua personalidade poética” (Sena, 2000: 143), uma vez que fundamenta, quer a sua prática poética post-simbolista, quer o nacionalismo que lhe é concomitante, e que hoje todos reconhecemos na *Mensagem* e em diversos textos: “um nacionalismo esotérico, de esclarecido descendente do Padre Vieira, será sempre uma das constantes espirituais de Pessoa” (Sena, 2000: 122) – escreve Jorge de Sena em 1960.

Esoterismo ou ocultismo que não são vistos, como ainda por vezes hoje acontece, como uma espécie de curiosidade mais ou menos mundana, mas sim como coisa séria,⁷ com um sentido escatológico e soteriológico. E, na conferência de 1946, com foros de mundividência: “não esqueçamos que o ocultismo é, por excelência, uma forma irónica do cepticismo...” (Sena, 2000: 69), que o crítico radica, uma vez mais, na tradição que vem do romantismo ao simbolismo e ao

⁷ “O capítulo das relações e convicções esotéricas de Fernando Pessoa é, ainda hoje, com ser fundamental, um dos menos compreendidos. Não é possível compreender-se aquilo que se não toma a sério” (Sena, 2000: 142). Esta situação tem vindo a ser ultrapassada, mas sem, demasiadas vezes, se dar conta do contributo de Jorge de Sena.

esteticismo (ver Sena, 2000: 65), e que entende estar na base da interdependência (dialógica) que marca as existências de papel de Alberto Caeiro (o mestre), Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Fernando Pessoa (o heterónimo de si mesmo). O enquadramento na corrente literária que vem do esteticismo e do simbolismo, com as suas ligações à tradição esotérica, actuautes na formação cultural a que chamamos modernismo, e em especial “uma concepção rosicruciana do mundo (que o irmana a outras grandes figuras, suas contemporâneas, do post-simbolismo)” (Sena, 2000: 86), é a base da articulação entre heteronímia e ocultismo, que fica também muito bem sublinhada nessa conferência: “tal como a heteronímia é um demonismo psicológico [...], o ocultismo é um demonismo cósmico” (Sena, 2000: 68). O esoterismo será mais tarde cruzado com a questão crucial, para Jorge de Sena, do erotismo em Fernando Pessoa.

4.

A década de 1950 é um tempo de aprofundamento crítico, propiciado por periódicas consultas ao espólio do poeta – “nos anos 50, eu tive acesso aos papéis de Fernando Pessoa, graças à gentileza da família do poeta” (Sena, 2000: 257) –, de que os *Diários* de Jorge de Sena dão testemunho (ver entradas de 23 de Agosto de 1953 a 13-14 de Setembro de 1954). É nesse período que descobre “os poemas (de 1935) contra o Salazar e o Estado Novo, de que havia só uma ideia de que existiriam” (Sena, 2004: 126; entrada de 5 de Junho de 1954) e que encontra “o rascunho original da ‘ceifeira’” (Sena, 2004: 128; entrada de 11 de Junho de 1954), poema sobre o qual deixará um extenso e inacabado estudo, redigido entre 1964 e 1966 (ver Sena, 2004: 171; entrada de 11 de Março de 1966). Um dos versos deste poema – “o que em mim sente está pensando” – provoca uma apreciação rara de entusiasmo em Jorge de Sena: “é um dos versos pelos quais mais o amamos nós” (Sena, 2000: 212) – leia-se: *eu*. Com efeito, esta articulação entre o pensar e o sentir, na sequência de um “lirismo meditativo” (a expressão é de Sena, noutra lugar), que radica nos sonetos de Antero de Quental e, claro está, em Luís de Camões, será fundamental para a afirmação da sua poética do testemunho enquanto meditação e inquirição de mundo.

Dois apontamentos mais extraídos dos *Diários*, as entradas relativas 28 de Maio e 24 de Junho de 1954, merecem aqui alguma atenção, pelo modo como Jorge de Sena se refere a, respectivamente, Mário de Sá-Carneiro e Luís de Camões. O primeiro, presente (sem novidade) desde os seus primeiros escritos pessoais, passa a integrar o jogo da heteronímia, lido, cada vez mais, como um sistema orgânico (que o próprio título *Fernando Pessoa & C.^a Heterónima*,⁸ com a sua alusão

⁸ Este título foi sendo experimentado ao longo de vários textos pessoais de Jorge de Sena: “Fernando Pessoa, Lda. (artefactos poéticos e indústrias afins)” (Sena, 2000: 89), em 1954; “Sociedade de Escritores F. N. Pessoa, Lda.” (Sena, 2000: 153), “sociedade de escritores virtuais” (Sena, 2000: 155), “sociedade heteronímica” (Sena, 2000: 191), “Sociedade de Escritores Fernando

comercial, irónica, revela), em que Sá-Carneiro é visto, a partir de 1953, como o Werther de Pessoa (ver Sena, 2000: 77, 124 e 159; Sena et al., 1987: 54 e 62). O segundo, referido apenas duas vezes e como que de passagem até 1946, e parecendo ausente nos textos da década de 50, surge, de modo fulgurante, a partir dos anos 60, como o oponente de Pessoa, a quem é negado o estatuto de “super-Camões” para passar a ser visto como o “anti-Camões” (Sena, 2000: 149). Os dois excertos do diário de 1954 dizem o seguinte, pela ordem referida: “tenho por [Sá-Carneiro] uma ternura que é mais curiosidade para o Pessoa” (Sena, 2004: 124); “a consolação que é pensarmos em que o Camões existiu, pois que é o único companheiro do português que é poeta e pensa” (Sena, 2004: 131).

Para os estudos pessoanos, em geral, a década de 50, uma vez editados (ou reeditados), em livro, os textos fundamentais do poeta,⁹ é o tempo em que aparecem os primeiros grandes ensaios de interpretação, ou algumas polémicas significativas,¹⁰ que fazem de Fernando Pessoa um divisor de águas, no campo da literatura (e da cultura) portuguesa, ou seja, o poeta contra o qual todos os outros (poetas, críticos ou de ambas as qualidades) se definem. No caso de Jorge de Sena, esta é a década britânica dos seus estudos pessoanos. Repare-se no arranque de “Fernando Pessoa e a literatura inglesa” (1953):

Este título que me foi proposto e eu chamei a mim com a sofreguidão de quem longamente se tem interessado pelo assunto, não corresponde exactamente ao tema que importa: seria, de certo modo, mais exacto e mais consentâneo com a personalidade de Pessoa dizer – “e a literatura de língua inglesa”. De facto, não são ingleses nem Edgar Poe nem Walt Whitman, que um e outro tão necessários são à compreensão do que Pessoa foi e fez.

(Sena, 2000: 75)

Pessoa Lda.” (Sena, 2000: 195), em 1964; “Sociedade de Autores Fernando Pessoa & C.^a” (Sena, 2000: 215, nota), cerca de 1965-66; e, no texto sobre os poemas ingleses, datado de 1958-1974, “obra de Fernando Pessoa & C.^a (ou seja a sociedade heteronímica em que ele se realizou” (Sena, 2000: 293).

⁹ Refiro-me às Obras Completas de Fernando Pessoa (dir. Luís de Montalvor e João Gaspar Simões), publicadas pela Ática – *Poesias* de Fernando Pessoa (1942), *Poesias* de Álvaro de Campos (1944), *Mensagem* (1945), *Poemas* de Alberto Caeiro (1946), *Odes* de Ricardo Reis (1946) – a que há que juntar, obviamente, publicadas pela Editorial Inquérito, *A Nova Poesia Portuguesa* [1944], ed. Álvaro Ribeiro, *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues* [1945], ed. Joel Serrão, e *Páginas de Doutrina Estética* (1946), ed. Jorge de Sena.

¹⁰ *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949), de Jacinto do Prado Coelho, obra elogiada por Jorge de Sena (ver Sena, 2000: 102, n. 12); *Vida e Obra de Fernando Pessoa: História de uma Geração* (1950), de João Gaspar Simões; “Alberto Caeiro, poeta de classe”, de Mário Dionísio, e “Explicação pelo inferior ou a crítica sem classe contra Fernando Pessoa”, de Eduardo Lourenço (sua estreia na crítica pessoana, e resposta ao artigo de Mário Dionísio), em *O Primeiro de Janeiro*, 26 de Novembro de 1952; *Fernando Pessoa, o Insincero Verídico* (1954), de Adolfo Casais Monteiro; *Estudos sobre a Poesia de Fernando Pessoa* (1958), de Adolfo Casais Monteiro; *Um Fernando Pessoa* (1959), de Agostinho da Silva.

Esta chamada de atenção para o diálogo textual que a poesia de Pessoa estabelece com a poesia de língua inglesa leva ainda Jorge de Sena a estabelecer relações iluminantes entre “The Solitary Reaper”, de Wordsworth, e o poema “Ela canta, pobre ceifeira”, a que virá a dedicar um estudo, nos anos 60, e “The Shepherdess”, de Alice Meynell, com “O Guardador de Rebanhos”.

Esta década dedicada por Jorge de Sena às relações de Fernando Pessoa com as literaturas e as culturas britânica e norte-americana culminará na tradução dos poemas ingleses publicados pelo poeta, editada nas Obras Completas de Fernando Pessoa apenas em 1974. Uma primeira materialização desse trabalho, *Alguns dos “35 Sonetos” de Fernando Pessoa*, é editada em São Paulo, em 1954.

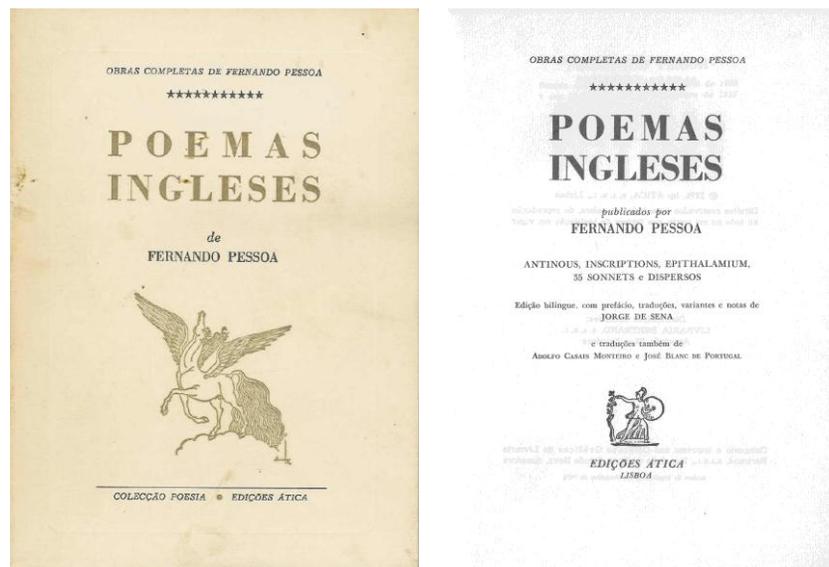


Fig. 3. Poemas Ingleses

Quais as razões para toda esta atenção à criação poética em inglês de Fernando Pessoa, que co-existe, em Jorge de Sena, com uma atenção às literaturas e culturas de língua inglesa, inusitada entre nós (e um pouco fruto do pós-guerra)? A formação britânica de Fernando Pessoa, e, decorrente dela, o contacto com tradições poéticas minoritárias na cultura portuguesa do tempo. A língua inglesa – “a língua primeira” do poeta, literariamente falando (ver Sena, 2000: 285-286) e a “educação inglesa” de Pessoa como propiciadora de uma distância crítica em relação à cultura portuguesa, potenciadora da sua tendência para o desdobramento da personalidade. A “consciência linguística” ou do desdobramento linguístico como possibilidade de pensar a literatura e a cultura portuguesa, simultaneamente, de fora e de dentro, pensando a cultura portuguesa como a cultura do *outro*, e pensando-se como *o outro* dessa cultura (esta última formulação, nestes precisos termos, é da minha responsabilidade). E ainda, no que diz respeito ao erotismo (linguisticamente velado) de Pessoa, a criação poética em inglês como uma espécie de criação oculta, ou subtexto, em relação à poesia escrita em português.

Não obstante, Fernando Pessoa é visto, já em 1946, como um poeta que “está profundamente enraizado na nossa ‘tradição’ literária” (Sena, 2000: 67). Jorge de Sena insiste em sublinhar, fazendo depois alusão à hoje famosa frase “A minha pátria é a língua portuguesa”, que a formação britânica de Pessoa é “a formação intelectual e artística em que sempre se comprazeu *um grande poeta português*, com uma ostensividade que talvez tivesse sido menos presunçosa se, na época em que viveu, não fora tal cultura entre nós uma anómala raridade” (Sena, 2000: 76), para em seguida constatar que essa é ainda a “situação de facto” do seu tempo, a saber, “a vasta ausência que a literatura inglesa ocupa na cultura dos intelectuais portugueses” (Sena, 2000: 76). Falha essa que fazia com que, ainda nos anos 50, fosse considerado excepcional aquilo mesmo (o conhecimento de Shakespeare, Milton, Shelley, Keats, etc., mas também os clássicos gregos e latinos) que fora parte da educação regular de Pessoa na África do Sul.

A necessidade de incorporar, de integrar no corpo na poesia portuguesa, pela via da tradução, os poemas ingleses, parte da observação de que eles são a expressão de tendências reveladoras do próprio Pessoa (e do Pessoa ele-mesmo, em particular), também latentes no homo-erotismo de outros poetas, como António Botto ou Raul Leal. A ideia é de que *Antinuos, Epithalamium, Inscriptions e 35 Sonnets* (os *English Poems* publicados por Fernando Pessoa) fazem falta à literatura portuguesa, que ficaria incompleta sem a sua tradução. A missão (as aspas, aqui, seriam irrelevantes) de Jorge de Sena, com Adolfo Casais Monteiro e, pontualmente, José Blanc de Portugal, é a de resgatarem esses poemas à literatura inglesa, onde não têm, verdadeiramente, lugar, ou seja, significação, para com eles preencherem uma lacuna da literatura portuguesa:

Diga-se desde já que estes poemas não são, à parte excelentes passos, da melhor poesia de Fernando Pessoa – mas são indubitavelmente da maior importância, pelo que revelam do que ele menos revelou de si mesmo na sua poesia em português, e pelo que por outro lado mostram de uma fixação de temas e expressões suas [...].

(Sena, 2000: 263; texto de 1958-1974).

Jorge de Sena lê os *35 Sonnets* (1918), marcados por um “neoplatonismo integral” (Sena, 2000: 78), como “um preciosíssimo repositório, uma súpula, do pensamento íntimo do grande poeta que Pessoa viria a ser” (Sena, 2000: 71), considerando-os mais “afins da poesia dos *metaphysical poets*” (numa antecipação da voga desencadeada pelo ensaio de T. S. Eliot) “e não tanto da tradição shakespeariana que Pessoa se propunha adoptar” (Sena, 2000: 71). Por seu lado, as referências às culturas grega e latina que enformam estes poemas situavam-nos no curso do esteticismo, do parnasianismo e do simbolismo. Outro dos motivos que levam Jorge de Sena a dar um grande destaque à sequência (ou ciclo) dos 35 sonetos (e é curioso notar que o tempo da tradução deles coincide, parcelarmente, com o tempo de escrita da sua sequência de 21 sonetos, *As evidências*) prende-se

com as relações que, no seu entender, alguns deles estabelecem com o processo da heteronímia: o soneto VIII contém uma “doutrina das máscaras” (Sena, 2000: 318), o soneto X “ecoará na última estrofe da famosa ‘Autopsicografia’” (Sena, 2000: 318). E outros “temas unificadores”, como o da “dialéctica do sonho e da realidade, o do pensar e do ver (interior e exterior), ou do pensamento e da acção que o pensamento paralisa” (Sena, 2000: 317), bem como o “de que toda a comunicação é impossível entre nós mesmos” (Sena, 2000: 317), têm “directas ligações com a razão pela qual ele criou os heterónimos e se criou ele próprio heterónimo de si mesmo” (Sena, 2000: 317).

5.

A comunicação de Jorge de Sena apresentada (“como tese”) ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Salvador da Bahia, em Agosto de 1959, é um texto complexo. O título, “‘O poeta é um fingidor’ (Nietzsche, Pessoa e outras coisas mais)”, é pedido emprestado ao primeiro verso do poema “Autopsicografia”, e acabará como título de um livro de ensaios sobre poesia moderna e modernista. Nesse texto, Jorge de Sena retoma referências a Nietzsche (e a Kierkegaard), chamando a atenção para um fragmento poético do filósofo alemão (“O poeta capaz de mentir / conscientemente, voluntariamente, / só ele é capaz de dizer a Verdade.”), que comenta, em paralelo com “Autopsicografia” e excertos do *Ultimatum* de Álvaro de Campos sobre a “abolição do dogma da personalidade”, a “abolição do preconceito da individualidade” e a “abolição do dogma do objectivismo pessoal”. A questão é a da “mentira” em arte, em paralelo com o “fingimento” pessoano, e questões conexas, como a da antinomia “verdadeiro-falso” e a da possibilidade de uma “*expressão autêntica* de um conhecimento do Mundo” (Sena, 2000: 98; itálico do autor), com remissões para *Vontade de Poder* e *Para além do Bem e do Mal*, e também para as “correlações esotéricas do pensamento nietzscheano” (Sena, 2000: 102).

O que me parece importante destacar, neste texto exploratório de Jorge de Sena, é o facto de ele deixar indiciada a ligação do poema “Autopsicografia”, enquanto arte poética, ao esoterismo *essencial* de Fernando Pessoa (estes termos são meus). Lembremos que a palavra *psicografia* designa a *escrita dos espíritos, pela mão do médium*. Neste sentido, o poeta *fingidor* é um *médium*. E por isso o *fingir* pessoano, como o *mentir* nietzscheano, é entendido, por Jorge de Sena, como um processo que não se resume numa “criação de ficções” (ver Sena, 2000: 98). O poema “Autopsicografia”, com o seu *incipit* emblemático, é não só uma arte poética como uma arte hermética. Possui uma dupla codificação (estes termos são meus).

O fingimento postula, como é óbvio, um desdobramento, questão que Jorge de Sena faz remontar, com acerto, a Baudelaire e ao fecho do seu ensaio “Da essência do riso” (citado, incorrectamente, em segunda mão [Sena, 2000: 109-110], pois não se trata de uma pergunta): “o artista só é artista se for duplo e não ignorar qualquer

fenómeno da sua dupla natureza” (Baudelaire, 2006: 48). Daí Pessoa, segundo o testemunho de Côrtes-Rodrigues a Joel Serrão, “insistir junto dos seus amigos para que se desdobrassem em pseudónimos, gabando muito as virtudes do processo” (apud Sena, 2000: 54). E daí às questões da androginia e suas conexões com o rosicrucianismo de Fernando Pessoa – “rosicrucianamente a alma tem duplo sexo” (Sena, 2000: 115) – é um passo, que Jorge de Sena dá, dando articulação a um conjunto de mitos (e arquétipos) que, com base no duplo e na androginia, Pessoa recupera e recria: o mito da Divina Criança e suas metamorfoses (ver Sena, 2000: 111-116) – Antínoo, o Menino Jesus, o Menino da Sua Mãe, D. Sebastião, o Presidente-Rei Sidónio Pais.

6.

1960: ‘Vinte e cinco anos de Fernando Pessoa’, publicado a 3 de Dezembro, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, é um notabilíssimo texto, na sua circularidade estrutural (como em tantos poemas de Jorge de Sena), e na sua harmonização de diferenças (como no género musical). Porque é um texto denso, de ligação (das biografias de Sena e de Pessoa, através da evocação narrativa de um não-encontro), de celebração (da edição, a cargo de Maria Aliete Dores Galhoz, da *Obra Poética* de Fernando Pessoa no Brasil, pela Editora José Aguilar), de comemoração (da morte do poeta), e de ruptura, considerando a “lição de Pessoa que nos cumpre ultrapassar” (Sena, 2000: 136). E sendo um texto simultaneamente de ligação e de ruptura, ele parece ser, também, um prenúncio de despedidas (sinalizado pela referência directa à “Carta ao poeta”, de 1944, e pela indirecta conexão com o prefácio de *Poesia-I*, datado de 27 de Março de 1960), em que o livro (“as 800 páginas desta *Obra Poética*”), objecto de um brevíssimo comentário no último parágrafo, serve como que de *objective correlative* de uma meditação:

Ao encerrar as 800 páginas desta *Obra Poética*, publicada pela Editora José Aguilar, mais uma vez me detenho a recordar aquele prédio da Rua Coelho da Rocha, que em breve por certo desaparecerá para dar lugar a um imóvel mais rendoso e moderno. A Fundação Fernando Pessoa, que se prevê, deveria transformá-lo num pequeno museu do poeta, chego a pensar. E logo penso: Para quê? Que se poria lá? Alguns objectos de uso pessoal? Os intermináveis papéis do espólio? Retratos de família? A pasta preta? Uma garrafinha simbólica? Não – decididamente seria amarrá-lo àquela figura que o destino lhe deu e ouço casquinhar “so gentlemanlike”, àquela figura que ele apenas usou como um invólucro necessário, porque não tinha outro. Antes tê-lo neste monumental volume.

(Sena, 2000: 136)

A narrativa de inscrição, pelo acaso biográfico, na tradição modernista, que virá ainda a ser recordada (a propósito do lugar) numa espécie de prólogo à versão publicada da comunicação, “Fernando Pessoa: o homem que nunca foi”, ao simpósio pessoano de Providence, em 1977, ficou tratada anteriormente. Prestarei atenção, agora, a outros dois momentos deste texto: o da denúncia de três

equívocos em relação à obra do poeta e o daquela “lição de Pessoa que nos cumpre ultrapassar”.

A questão dos equívocos está uma vez mais ligada à persistência com que a crítica pessoana vinha psicologizando o poeta, fazendo uso de termos velhos (o adjetivo é meu), dominantes no período 1890-1920, como “mistificação” e “sinceridade” para se referir à sua poesia, ou para se referir ao poeta, parecendo referir-se à poesia dele. E, por outro lado, aponta um certo cansaço da crítica, empregando Jorge de Sena uma expressão semelhante à que voltaria a ser ouvida, vinte e cinco anos depois, por ocasião do cinquentenário da morte do poeta (“tanto Pessoa já enjoa”, dizia-se então):

Longamente tem sido discutido pela crítica o teor de mistificação de tudo isto [a criação dos heterónimos e de outras “personalidades poéticas”, referidos no parágrafo anterior], e o valor da sinceridade de um poeta que, ortonimamente, se declara um “fingidor”. Ainda se discutem; ou, então, deixam de ser discutidos, na medida em que as pessoas se fartaram de Fernando Pessoa. Tudo isto são, evidentemente, equívocos.

(Sena, 2000: 133)

A esses três equívocos (“mistificação”, “sinceridade”, “enfartamento”) são dedicados três parágrafos que, no caso dos dois primeiros, reiteram uma crítica da crítica que vinha sendo desenvolvida por Jorge de Sena, a que já se fez referência e que podemos sintetizar na contextualização da criação heteronímica na tradição post-simbolista e modernista (e mesmo de algum romantismo) dos desdobramentos da personalidade e das máscaras literárias (da criação de duplos), e, no mesmo passo, a determinação objectiva do poema, enquanto objecto estético. Isto permite a Jorge de Sena sublinhar de novo a ideia de que “a obra ortónima do poeta não é menos heterónima que a dos heterónimos” (Sena, 2000: 134), recorrendo, uma vez mais também, ao poema “Autopsicografia”.

“O terceiro equívoco – o do enfartamento – é o destino natural de todas as grandes obras, e precisamente de tais equívocos se constroem em não pequena parte as histórias literárias” (Sena, 2000: 135). Esta entrada é imediatamente seguida de uma brevíssima alusão, de cariz sociológico, à questão da novidade no capitalismo, que transforma as obras (e os seus autores) em produtos de consumo num mercado regido pela admiração sem fundamento, por oposição à estima lúcida que as obras superiores requerem.

Todas as obras que, superiores como a de Fernando Pessoa, assentam no desmascarar das aparências, acabam por comunicar aos seus admiradores um frio mortal que os faz, cautelosamente, retraírem-se e afastarem-se. Admirar a frio, e sentindo que sombras temíveis como a do Nada e a dos mitos pré-adâmicos, pondo em causa a segurança quotidiana, se roçam pela pele desconfiada e pelo subconsciente apavorado, é coisa difícil.

(Sena, 2000: 135)

Segue-se uma muito breve caracterização da sua poesia (13 linhas impressas), em que destaca “um erotismo que releva do mundo larvar das tradições esotéricas, e ao mesmo tempo multiplicando-se por uma partenogénese intelectualista em que o amor-paixão e o amor-prazer se anulam na virtude neutra de um cidadão espiritualmente britânico” (Sena, 2000: 135).

Todos estes pequenos, mas cirúrgicos, apontamentos de caracterização da poesia de Fernando Pessoa parecem ir no sentido de uma marcação de diferenças. A questão do erotismo, tão central na obra de Jorge de Sena, é uma delas. E por isso falei acima de um começo de despedidas, relativo àquela “lição de Pessoa, que nos cumpre ultrapassar”, feito de uma subtil acumulação de sinais. Veja-se a referência directa à “Carta ao poeta”, de 1944, ou a denegação (distanciadora) do conhecimento de Pessoa, exposto, longamente (2 páginas impressas), no início do texto: “E eu estava duplamente mentindo e falando a verdade. Eu não o conhecera pessoalmente, tendo-o conhecido, porque nem ele fora ele para mim, nem eu, adolescente, era ainda eu. Mentia, dizendo a verdade. Mas que eu mesmo o tivesse conhecido a ele mesmo não seria nunca possível [...]” (Sena, 2000: 135-136).

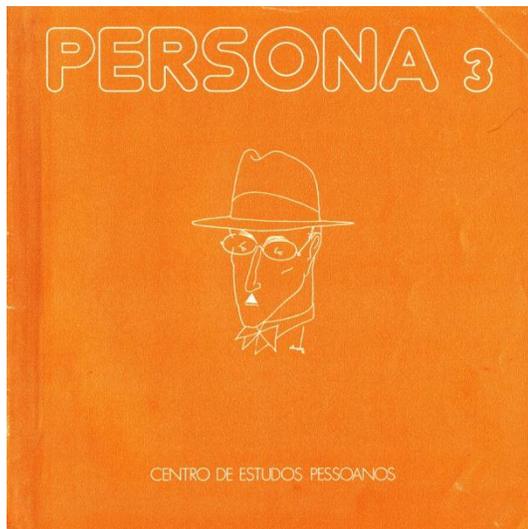
Estamos na parte final de “Vinte e cinco anos de Fernando Pessoa”. A distância biográfica permite agora o distanciamento da obra: “Nós não podemos ficar na obra de um homem que nasceu em 1888, na *belle époque* (não era seu pai o crítico musical das óperas do Teatro de S. Carlos, defronte do qual nasceu o poeta?), e morreu em 1935 (quando a Guerra de Espanha ia estalar, modificando por completo o panorama socio-cultural do mundo)” (Sena, 2000: 136). Acima o erotismo, aqui a Guerra Civil de Espanha (invocada, de novo, em 1964 [ver Sena, 2000: 157]), outro dos temas fulcrais da obra de Jorge de Sena, e que para a sua geração surge como um verdadeiro medidor de nível (aquilatando das inclinações ideológicas, éticas, estéticas). Como se a poesia já não pudesse ser a mesma depois de 1936, o ano da eclosão da Guerra de Espanha e da poesia em Jorge (veja-se *Sinais de Fogo*, o romance dessa dupla aprendizagem).

Mas, se apenas a saborearmos ou nos aborrecermos dela, é nela, irremediavelmente, que ficaremos, já que nenhum outro poeta pôs como ele, em português, a questão da personalidade. Ou ficaremos no jogo que ele abriu, e, alheios à transcendência em que ele cria, praticamos saborosas rendas femininas de verso e de crítica; ou, negando essa transcendência, a transferimos para a humanidade cujo refazer quotidiano é missão da poesia. Honestamente e lealmente, não há outra saída.

(Sena, 2000: 136)

O prefácio de Jorge de Sena a *Poesia-I*, datado de 27 de Março de 1960, contemporâneo, portanto, de “Vinte e cinco anos de Fernando Pessoa”, é o texto que responde a essa “lição de Pessoa, que nos cumpre ultrapassar”, ao afirmar a poética do *testemunho* contra a poética do *fingimento*. Este confronto, tratado por

mim em *A Poesia de Jorge de Sena* (1998), necessita ser reexaminado, mas não cabe nos propósitos destes apontamentos.



Inédito de Jorge de Sena
sobre o «Livro do Desassossego»

É célebre a «blague» de Cocteau sobre Victor Hugo: «Victor Hugo c'était un fou qui se croyait Victor Hugo». Aplicando-se a frase a Fernando Pessoa, poderíamos dizer que Fernando Pessoa c'était plusieurs fous qui se croyaient Fernando Pessoa». Na verdade, Alberto Casero, Alvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, Vicente Guedes, António Mora, o Barão de Teive, Carlos Otto, C. Pacheco, e um poeta nacionalista e sebastianista: um poeta inglês que pensava em inglês e em inglês chorou Antão e para o inglês traduziu António Botto; um poeta francês, um poeta português em quadras de fazer concorrência a Augusto Gil e António Correia de Oliveira; um polemista político; um crítico esteticista, muito discípulo de Oscar Wilde & Co.; um juvenil e ardoroso admirador da «Renascença Portuguesa»; um panfletário defensor do amorismo; o «banqueiro anarquista»; um novelista «socialista»; um estudioso da «sociologia do comércio», etc., etc. — todo um bando de loucos virtuais que, para existirem, e na diafanidade em que se materializavam, ou mal chegavam a materializar-se, ou se dissolviam no ar ou uns nos outros, espontaneamente de quando em vez, de pessoa tranquila, mediana, afável, solitária, solitona e lúcida, um tanto irónica também, de um cidadão pacífico e sem biografia, chamado Fernando António Nogueira Pessoa. Uns eram «ortónimos», outros eram «personalidades literárias», outros eram «heterónimos». Alguns foram fugazes; desapareceram e não voltaram mais. Outros acompanharam-no por décadas, até à morte. Uns eram poetas, outros não eram. Uns escreviam mal, outros demasiado bem. Havia-os muito pedantes, enquanto outros tinham a pedanteria da simplicidade. E muitos deles se entretinham a escrever sobre outros deles. Todos porém existiram. Cada vez mais nos inclinamos a crer: se não fora o testemunho de contemporâneos, ou os nossos olhos, que quem nunca existiu foi aquele cidadão pacífico, dado à astrologia e em «firt» com a Crêdem do Templo, e que repartiu entre um trabalho que lhe desse para não fazer nada, o convívio de alguns amigos, o da família, e o da sua solidão — e que seria um louco, se os loucos não fossem todos os outros, ou um «medium», se eles fossem espíritos vindos do Além, e não, como eram, realidades abstratas no espírito, que visitavam, de um homem que, em vez de personalidade, só tinha imaginação para escopar a si mesmo. Tudo e todos foram «heterónimos» nele, e quicá o foi também o cidadão, pacífico e «gentilmente», com os seus «hobbies». A tão discutida questão dos «heterónimos», há que colocá-la muito diversamente do que o tem sido; não nos interrogamos sobre se são ou não são ele, ou em que medida correspondem a um Pessoa verdadeiro e sincero. Eles, como tudo o que fez e viveu o homem Fernando Pessoa,

3

Fig. 4. Inédito de Jorge de Sena sobre o *Livro do desassossego*

7.

“Demasiado se tem discutido. Chegou a hora, em que também nos temos empenhado, de estudar” (Sena, 2000: 137). É a frase quase final (de um final irónico: “Decididamente, chegou a hora de eu ler *Romola*, de George Eliot”)¹¹ de “Vinte e cinco anos de Fernando Pessoa”. Jorge de Sena encontra-se a viver, exilado, e a trabalhar, como professor universitário, há mais de um ano no Brasil. Talvez ande há procura de, “num só ensaio”, dizer tudo sobre Pessoa, como lhe recomendava Vergílio Ferreira. E, quer a introdução à sua projectada edição do *Livro do Desassossego*, composta (possivelmente) em 1964, quer o longo prefácio à sua edição dos *Poemas Ingleses publicados por Fernando Pessoa*, “O heterónimo Fernando Pessoa e os poemas ingleses que publicou”, iniciado em 1958 e fechado em Maio de 1974, são textos que, pela amplitude e extensão, bem como pela articulação e revisão crítica de algumas ideias anteriores, apontam para essa visão de conjunto que, efectivamente, faltava. A introdução ao *Livro*, de 1964, bem como um estudo sobre o poema “Ela canta, pobre ceifeira”, de 1965-66, que ficariam inéditos, são, entre outros aspectos, ensaios de observação, ao nível da análise textual, do trânsito de Fernando Pessoa entre o simbolismo e o modernismo: “A transformação do *Livro do Desassossego* é [...] da maior importância para

¹¹ Recorde-se o que está escrito no primeiro parágrafo do texto: “O meu primeiro contacto com a literatura inglesa sucedeu precisamente numa dessas visitas, quando, chegando eu com minha mãe, sobre a mesa da sala estava um livro que o vizinho do lado [Fernando Pessoa] devolvia e era *Romola* de George Eliot. Curiosamente, e talvez por isso mesmo, é um dos raros livros que nunca li, de uma romancista que admiro tanto” (Sena, 2000: 130).

distinguirmos a transformação do Pessoa esteticista e simbolista no grande modernista que ele foi” (Sena, 2000: 163); transformação que, no poema da ceifeira (como o poeta lhe chamava), é marcada pelo verso “O que em mim sente está pensando” que, como lembra Jorge de Sena, “não figurava na versão que Pessoa remeteu a Armando Côrtes-Rodrigues, com carta de 19 de Janeiro de 1915” (Sena, 2000: 211). “Dessa transformação é preciosa prova o confronto das duas versões, visto que a segunda perdeu, por supressão de duas estrofes e introdução de variantes em quatro versos, o que nela representava identificação com o exacerbamento post-simbolista [...]” (Sena, 2000: 212). Já quanto ao prefácio dos *Poemas Ingleses*, o próprio Jorge de Sena, em resposta a perguntas de Luciana Stegagno Picchio, diz, em 1977, ser “mais que um estudo introdutório desses poemas, porque pretende ser compêndio da minha explicação do poeta (se os poetas, ou qualquer pessoa, têm ou necessita de explicação) [...]” (Sena, 2000: 340).

Quando Jorge de Sena deixa Portugal, em Agosto de 1959, leva consigo a ideia de editar o *Livro do Desassossego*. Acontece, porém, que, para além da distância geográfica, que impossibilita o acesso directo ao espólio de Pessoa e a outra documentação, ficando à mercê da disponibilidade de terceiros, o faz desistir dessa edição, em Outubro de 1969, em carta às Edições Ática, ficando a introdução por terminar ou sem ser revista (ver Saraiva, 1981). O estudo comparativo das diversas versões do poema “Ela canta, pobre ceifeira”, de 1965-66, enfrentará dificuldades semelhantes, acabando também por ficar inacabado. Mas outra razão mais alta se ia levantando. É que, como ele mesmo refere, em 1964, “ocupo-me declaradamente de lit. portuguesa, e sobretudo do século XVI, em especial de Camões” (Sena et al., 1987: 119). Com efeito, a mudança de Jorge de Sena para o Brasil é acompanhada de uma dedicação cada vez maior ao estudo da obra de Luís de Camões, também por razões profissionais (doutoramento e provas de livre-docência). Como diz numa carta a Vergílio Ferreira, de Araraquara, 20 de Outubro de 1964:

O meu livro sobre as canções de Camões deve sair aí pela Portugália até ao fim do mês próximo. Logo depois virá o volume dos estudos dispersos e inéditos sobre Camões. E, entretanto, a publicação desta minha tese de concurso sobre os sonetos do mesmo sujeito. Tudo isto [com a “imensa massa de investigação à volta e a pretexto de Inês de Castro, em que (no *Ocidente*) estou revendo toda a literatura portuguesa do séc. XV e do séc. XVI”] são, ao todo, perto de duas mil páginas de investigação e revisão [...].

(Sena et al., 1987: 100)

O quadro comparativo da evolução dos estudos camonianos e dos estudos pessoanos de Jorge de Sena (em anexo) mostra uma quase inversão na relação dos dois campos, a partir de 1961. Assim, entre 1940 e 1960, Jorge de Sena *publica* apenas um ensaio sobre Camões, contra uma dezena de textos sobre Fernando Pessoa e a edição de um volume de *Páginas de Doutrina Estética*. Depois de 1961,

Jorge de Sena publica 13 textos sobre Camões, 2 prefácios a obras dele (*Os Lusíadas* e as *Rimas Várias*) comentadas por Manuel de Faria e Sousa, 3 livros de ensaio (*Uma Canção de Camões*, *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular* e *A Estrutura de Os Lusíadas e Outros Estudos Camonianos e de Poesia peninsular do Século XVI*) e o célebre “Discurso da Guarda”, proferido no 10 de Junho de 1977, enquanto os estudos pessoais mantêm o ritmo anterior (de notar que a Introdução ao *Livro do Desassossego* e o estudo sobre o poema da ceifeira ficam inacabados e, é claro, inéditos). Mas mais significativo ainda da imersão de Sena em Camões são os textos de criação literária que dedica ao seu antecessor (excluindo à partida a quantidade enorme de textos em que a sua obra se intertextualiza, em temas, motivos, estilo, com a de Camões), e nos quais Jorge de Sena se projecta de algum modo: dois poemas (“Camões dirige-se aos seus contemporâneos” e “Camões na Ilha de Moçambique”), duas ficções (“O fantasma de Camões (uma entrevista sensacional)” e o conto “Super flumina Babylonis”), conto e poemas que constituirão o único livro de criação literária que dedica inteiramente a outro poeta (*Camões dirige-se aos seus contemporâneos e outros textos*). A este nível, em relação a Fernando Pessoa registam-se apenas um *lied* de 1938, inspirado no poema “Pobre velha música”, e dois poemas de 1942 (“Ode a Ricardo Reis” e “Ode apócrifa de Alberto Caeiro”) que Jorge de Sena não incluiu na obra poética publicada em vida.

Luís de Camões entra em confronto aberto com Fernando Pessoa nos dois estudos pessoais que Jorge de Sena produz nos anos 60: a introdução ao *Livro do Desassossego* e o estudo comparativo sobre as três versões do poema da ceifeira. A introdução fora iniciada em 1964 e o estudo desenvolvido em 1965 e 1966, coincidindo, portanto, com o auge dos estudos camonianos. Já noutros lugares reflecti um pouco sobre esta acareação entre Camões e Pessoa em benefício do seu provocador, na medida em que contribuiu para a configuração do testemunho seniano, nomeadamente em *A Poesia de Jorge de Sena: Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*:

Dir-se-ia que se os textos sobre Luís de Camões são reveladores do modo com Jorge de Sena se propõe poeta, os textos sobre Fernando Pessoa são indiciadores do que ele não se propõe ser enquanto poeta. Este facto é digno de ser observado, uma vez que se trata dos dois poetas portugueses a que Jorge de Sena mais se dedicou enquanto ensaísta, embora com vantagem para o primeiro, em termos quantitativos. Jorge de Sena não deixa, aliás, de pôr os dois em confronto, como sucede numa nota ao estudo do poema “Ela canta, pobre ceifeira”, cuja extensão (as notas, em Jorge de Sena, têm por vezes o fôlego de um ensaio), face aos constrangimentos de espaço a que estamos submetidos, não me permite transcrevê-la aqui. Dela destaco apenas a ideia de que a a-temporalidade do lirismo sentimental, atrás identificada, tem como *coincidentia oppositorum* a a-temporalidade das ficções heteronímicas [ver Sena, 2000: 218], ponto este demasiado fulcral para a poética seniana do testemunho.

(Lourenço, 1998: 121)

A “Introdução ao *Livro do Desassossego*” possui uma espécie de prólogo à introdução propriamente dita. E é nesta espécie de prólogo de seis páginas (impressas) que surgem, em articulação, duas ideias importantes: a de que “Ele não foi um ‘eu’, mas um ‘anti-eu’” (Sena, 2000: 146) e a de que “A pátria ‘dele’ era a *linguagem* esteticamente considerada. O que significa que, aquém da criação em linguagem, ele não era uma pessoa. *Pessoa*, nele, era um apelido de família” (Sena, 2000: 146). A primeira representa um desenvolvimento da ideia-base mil vezes repetida por Jorge de Sena, de que Fernando Pessoa era um heterónimo de si mesmo, partindo até da própria narrativa mítica do nascimento dos heterónimos, na célebre carta a Casais Monteiro, e que explica que ele seja criador e criatura ao mesmo tempo, gerando, assim, o seu próprio mestre. E é estendida a um conceito como “não-ser”, fundamento, por exemplo, da sua “incapacidade de amar” (Sena, 2000: 149), e da ideia do “anti-Camões”:

Fernando Pessoa não foi, e não é, o Super-Camões que ele profetizou. Mas é (e as farpadas que a Camões várias vezes dirigiu são sintomáticas) o anti-Camões. Poucas vezes, se alguma, numa literatura e numa língua, se terão polarizado tão extremamente as condições estéticas da existência humana. Um não foi senão ele mesmo, reduzindo tudo à escala da sua experiência de vida, e amplificando esta experiência à estrutura do universo. O outro não foi senão “ele-mesmo”, amplificando o nada à escala da sua não-experiência, e reduzindo esta não-experiência a não-estrutura do não-universo. Para um, o amor era a força motriz do ser e do pensar. Para o outro, o amor simplesmente não era. Para um, o espírito conhecia-se não ter conhecimento. Para o outro, o conhecimento conhecia-se não ter espírito. Um foi a própria dialéctica do pensamento vivo realizando-se em estrutura estética. O outro foi a recusa do pensamento em estruturar a sua mesma essência dialéctica. [...] Um é o ser, o outro o não-ser. [...] De um, não há papéis. Do outro, há papéis de mais. Um deixou que tudo se lhe perdesse. O outro, não houve tira de papel ou de frase que não guardasse. É que um era uma estrutura fechada sobre si mesma, e sempre estaria todo num fragmento qualquer; e o outro necessitava de todos os fragmentos, não para reconstituir-se, mas para dissipar-se. Da angústia de Camões, eleva-se uma tremenda serenidade. Da irónica superioridade de Pessoa, emana um calmo desassossego.

(Sena, 2000: 149-150)

Esta ideia do “anti-Camões” será uma pedra fundamental para o desenvolvimento da poética seniana do testemunho. Não porque Jorge de Sena se veja como um “anti-Pessoa”, e muito menos como um “super”, e sim porque retira do confronto de ambos, ou das contingências de ambos, a sua “lição”:

Como Camões, Pessoa viveu terrivelmente a alienação de toda uma época e de toda uma fase civilizacional: aquele, opondo a um mundo que se tornava pavorosamente monolítico um super-eu absorvente, que era a contrapartida dialéctica de uma vida dissipada através do mundo; este, opondo a um mundo que se cindia por todos os lados, uma multiplicidade de eus, que eram, por sua vez, a contrapartida dialéctica de uma vida que, ciosamente, e para que isso fosse possível, se negara a qualquer dissipação, qualquer convivência que não consigo mesma. Assim, Pessoa realizou a alienação em si mesmo, tal como opostamente

Camões recusara alienar-se alienando-se. E uma realização desta ordem, longe de ser o que vulgarmente é tido como alienação, constitui, sim, a mais acabada crítica dela. Se em muito do que escreveu Pessoa não patenteia consciência disso, e, em termos políticos, parece mesmo, às vezes, optar por ela, tal coisa acontece, porque os homens vivem, assistem a acontecimentos, ou morrem antes dos que seriam decisivos para um salto definitivo (e não sabemos que posição assumiria Pessoa ante, por exemplo, a Guerra Civil Espanhola, pelo que o clericalismo poderia tê-lo irritado), e são, mesmo quando grandes poetas, circunstancialmente inferiores a si próprios. Mas ninguém pode ser julgado pelo que não fez, se a sua natureza o não talhou para homem de acção, ou se a sua lucidez não admite a parte de ilusão que toda a acção exige. E nem sequer pelo que eventualmente se deixou fazer, quando humanamente sobrevive por *uma obra*. Muito menos quando essa obra é a realização das contradições que existiam nele mesmo e na sociedade do seu tempo. No fim de contas, se o sentido de uma obra não deve ser entendido fora dela, e se é criminosamente ilícito extrapolar do que essa obra *diz*, não menos nos cumpre saber que um autor (a menos que o não seja, e valha apenas como personalidade “interessante”) é sempre inferior, e mais limitado, que a sua obra, e que esta não pode ser julgada, nem entendida, nos circunstancialismos de que a sua realização depende, mas no que ela os transcendeu. Todavia, a transcendência dela não é, de modo algum, aquilo que, tendo vivido depois dela, nós estamos em condições de encontrar nela, e *que não está lá*. Isso é a mais vil falácia do impressionismo crítico. A transcendência de uma obra, em relação ao seu autor, é só o ter sido *realizada*.

(Sena, 2000: 157-158)

Mas para este e outros aspectos dos estudos pessoanos de Jorge de Sena, no período que vai de 1964 a 1978, reservo uma eventual segunda parte destes apontamentos, em que procurarei continuar a ler os textos deste leitor de Fernando Pessoa (e, claro, a ser lido por eles).

(Dezembro de 2011 e Outubro de 2012)

Bibliografia

- BAUDELAIRE, Charles (2006). *A Invenção da Modernidade (Sobre Arte, Literatura e Música)*. Antologia, introdução e notas de Jorge Fazenda Lourenço; tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Relógio D'Água.
- QUEIROZ, Carlos (1936). "Carta à memória de Fernando Pessoa", in *Presença*, n.º 48, Julho, pp. 9-11.
- LOURENÇO, Jorge Fazenda (1998). *A Poesia de Jorge de Sena: Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- PESSOA, Fernando (1985). *Poemas Escolhidos*. Selecção, estudo introdutório e notas de Jorge Fazenda Lourenço. Lisboa: Ulisseia, 1985. 2.ª ed., 1988.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1979). *Cartas a Fernando Pessoa* [1960]. Lisboa: Ática. 2 vols.
- SARAIVA, Arnaldo (1981). "Jorge de Sena e o *Livro do Desassossego*", in *Fernando Pessoa e Jorge de Sena*. Porto: Edições Árvore, pp. 35-46.
- SENA, Jorge de (2004). *Diários*. Edição de Mécia de Sena, Porto: Caixotim.
- ____ (2000). *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)* [1982]. Edição de Mécia de Sena. Lisboa: Edições 70. 3.ª edição revista e aumentada.
- SENA, Jorge de; FERREIRA, Vergílio (1987). *Correspondência*. Edição de Mécia de Sena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Anexo

Quadro comparativo das obras de Jorge de Sena sobre **Luís de Camões** e **Fernando Pessoa** e textos afins, incluindo um *lied*, poemas e ficções.

Ano	SOBRE LUÍS DE CAMÕES	SOBRE FERNANDO PESSOA	TEXTOS AFINS
1938		"Pobre velha música" (<i>lied</i>)	
1939			
1940		Carta à <i>Presença</i> sobre o poema "Apostilha" de F.P.; Nova carta à <i>Presença</i> sobre o poema "Apostilha" de F.P. [1979]	
1941			
1942		Ode a Ricardo Reis [1979]; Ode Apócrifa de Alberto Caeiro.	
1943			
1944		Carta ao poeta [Carta a Fernando Pessoa].	
1945			
1946		Sobre um artigo esquecido de Fernando Pessoa, Edição de <i>Páginas de Doutrina Estética</i> , de F.P.; Fernando Pessoa, indisciplinador de almas (uma introdução à sua obra em prosa) (conferência) [1959].	
1947			
1948	A poesia de Camões: ensaio de revelação da dialéctica camoniana (conferência) [1951]		
1949			
1950			
1951			
1952			"Luís de Camões", de Roy Campbell (nota biográfica e tradução do poema).

1953		"Inscriptions" de Fernando Pessoa: algumas notas para a sua compreensão; Fernando Pessoa e a literatura inglesa (com tradução de três dos 35 <i>Sonnets</i> de F.P.)	Roy Campbell (com nova tradução do poema "Luís de Camões").
1954			<i>Orpheu</i>
1955			
1956			Sobre Modernismo
1957		Maugham, Mestre Therion e Fernando Pessoa	
1958		<i>Inscriptions</i> de Fernando Pessoa	1888 e a poesia [Pessoa, Eliot, Ungaretti]
1959		"O poeta é um fingidor" (Nietzsche, Pessoa e outras coisas mais) (comunicação) [1961]	
1960		Vinte e cinco anos de Fernando Pessoa; Os poemas de F.P. contra Salazar e contra o Estado Novo	Cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa; Post-simbolismo e Modernismo (ensaio de sincronias e não). Prefácio de <i>Poesia-I</i> [1961].
1961	O Maneirismo de Camões; Camões e os maneiristas; A estrutura de <i>Os Lusíadas</i> [I]. Camões dirige-se aos seus contemporâneos [poema]		
1962	O fantasma de Camões (uma entrevista sensacional).		Modernismo e modernismo
1963	Camões e um método crítico.	Pessoa e a Besta	Inês de Castro ou literatura portuguesa desde Fernão Lopes a Camões, [...] e do episódio camoniano de Inês.
1964	A estrutura de <i>Os Lusíadas</i> [II]; O Camões da Aguilar; "Alma minha gentil..." [1980]. Super flumina Babylonis [conto]	Introdução ao <i>Livro do Desassossego</i> (1964) [1979]	
1965	A estrutura de <i>Os Lusíadas</i> [III]; As emendas da edição de 1598 das <i>Rimas</i> de Camões.	21 dos 35 <i>Sonnets</i> de Fernando Pessoa (com tradução) [1966]	Maneirismo e barroquismo na poesia portuguesa dos séculos XVI e XVII.
1966	<i>Uma Canção de Camões</i> ; Camões revisitado (comunicação) [1980].	"Ela canta, pobre ceifeira" (estudo de 1965-66) [1982]	

1967			
1968			
1969	<i>Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular</i>		
1970	“Glória tão merecida”: sobre a canção de Camões; <i>A Estrutura de Os Lusíadas e Outros Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do Século XVI</i>		
1971		Fernando António Nogueira Pessoa [verbetes].	Do conceito de modernidade na poesia portuguesa contemporânea [1978]; Poesia portuguesa de vanguardia: 1915 y hoy.
1972	Prefácio de <i>Os Lusíadas</i> comentados por Manuel de Faria e Sousa; Prefácio a <i>Rimas Várias</i> comentadas por Manuel de Faria e Sousa; Camões em 1972; Camões: Novas observações acerca da sua epopeia e do seu pensamento (comunicação); Aspectos do pensamento de Camões através da estrutura linguística de <i>Os Lusíadas</i> (comunicação) [1973]. Camões na Ilha de Moçambique [poema; 1973]		Um imenso inédito semi-camoniano, e o menos que adiante se verá (prefácio de <i>As Qvybyrycas</i> , de Frey Ioannes Garabatus).
1973	Estudo tipológico de um soneto de Camões. <i>Camões Dirige-se aos Seus Contemporâneos e Outros Textos.</i>		
1974		O heterónimo Fernando Pessoa e os <i>Poemas Ingleses</i> que publicou (1958-74); Edição de <i>Poemas Ingleses</i> publicados por Fernando Pessoa (Obras Completas de F.P.)	
1975			Resposta a inquérito sobre “O significado histórico do <i>Orpheu</i> 1915/1975”. Cancioneiro de Luís Franco Correia [1978]; Cancioneiro Fernandes Tomás [1980]; Cancioneiro de Manuel de Faria (e Sousa) [1980]

1976	Camões: o poeta lírico; Camões – verbete para uma enciclopédia [1980]		
1977	Discurso da Guarda.	J. de S. responde a três perguntas de Luciana Stegagno Picchio sobre F. P.; Fernando Pessoa: o homem que nunca foi (comunicação) [1978]; Fernando Pessoa [verbeta; 1980]	Alumbrados; Babel e Sião [verbetes]. <i>Athena</i> [verbeta]; Mário de Sá-Carneiro [verbeta; 1980]
1978		O “Meu Mestre Caeiro” de Fernando Pessoa e outros mais (comunicação) [1979]	
1979			
1980	<i>Trinta Anos de Camões, 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos).</i>		
1981			
1982	<i>Estudos sobre o Vocabulário de Os Lusíadas com Notas sobre o Humanismo e o Exoterismo de Camões.</i>	<i>Fernando Pessoa & C.^a Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978).</i>	